

25-05-2023

## MULHERES E ADVOGADOS

### Dália Virna

[Colmeia - Coletivo de Mulheres Emancipadas, Incansáveis e Abelhudas]

Quando eu era menina, meu pai queria que eu fosse advogada. Minha mãe queria que eu fosse professora. No início, quando eu era ainda muito menina, eu não entendia o que era nem uma coisa nem outra. Devo ter pensado (nem lembro) que eram duas coisas boas, mas eu não entendia porque os dois, volta e meia, discutiam tanto: *vai ser advogada*, dizia ele, *vai ser professora*, dizia ela. Quando entrei p'ra escola (eu tinha sete anos) e me apaixonei pela professora, descobri minha tendência, não pela profissão, mas por aquela mulher linda (eu já tinha sido induzida à beleza por meus pais) que me ensinava letras e números como se fossem mágica. Só anos depois quando eu confessei à minha mãe que eu não gostava de meninos é que minha mãe se tocou. Ainda bem que ela não me tratou como uma anomalia. Um dia ela até me confessou que também achava melhor amar meninas do que meninos, e que ela, na minha idade, tinha tido essa preferência, mas que ela tinha levado algumas surras de minha avó e meu avô até se transformar numa mulher propícia ao lar de um macho bom de casar. A compreensão cúmplice de minha mãe não me deixou dúvida: vou ser professora e assumir de uma vez por todas minha preferência por meninas nas coisas de amor. Lá pelos meus dezesseis anos (tentei apagar esse tempo de minha memória) meu pai “descobriu” minha preferência sexual. Foi um tormento. Primeiro uma reação machista desproporcional que durou algumas discussões ríspidas, depois quando acho que ele não podia mais mandar no meu destino, começaram as ironias, piadinhas e silêncios pesados, caras e bocas debochadas. Foi a época em que eu me afastei de meu pai. Eu o evitava, às vezes eu saía de casa quando ele chegava, e quando eu estava muito cansada eu me trancava no meu quarto e só saía quando ele já estivesse dormindo. Ou se ele já tivesse ido trabalhar. O medo de trazer minha(s) namorada(s) à minha casa, por achar que meu pai ia nos desrespeitar, me afastou ainda mais dele. Muitas vezes mamãe saía pra lancha comigo e minha namorada. Era sempre muito agradável e muito divertido. E mamãe nunca mais falou com meu pai sobre isso. Eu virei assunto proibido entre meus pais. Quando eu fiz 18 anos eu tive uma namorada, militante, revolucionária, indignada com o preconceito e sei lá mais o quê.

Ela me convenceu que devíamos ir juntas na minha casa. Disse ela, um dia, que estava doida pra conhecer meu pai. Eu dei uma gargalhada inesquecível. Fomos. Era um sábado. Meu pai estava na sala vendo televisão quando chegamos. Entrei, dei boa tarde e minha namorada foi logo falando: *oi seu Otávio, sou Dina\**, *namorada da Dália, eu queria muito conhecê-lo porque ela fala muito do senhor*. Logo meu pai perguntou: *bem ou mal?* Dina foi rápida no gatilho: *muito bem, ela ama muito o senhor e diz que o senhor é uma pessoa muito aberta, sem preconceito, solidário e generoso*. Não sei quem ficou com mais cara de tacho se foi meu pai ou eu. Depois de um silêncio interminável, meu pai perguntou à Dina: *você quer beber alguma coisa?* Nisso, entra minha mãe e Dina foi logo perguntando: *é sua mãe?* Respondi no automático que sim porque Dina era veterana de sair com minha mãe em nossos lanches. ....

Tempos além, quando conheci advogados, tanto na minha militância quanto nas rodas de amigos e amigas, nas histórias que eu ouvia sobre advogados, nas coisas que eu lia sobre advogados, principalmente sobre suas defesas de causas indefensáveis, descobri coisas. Por exemplo, descobri que advogados, como os demais homens, também assediavam mulheres. Eu fui assediada por dois. Além disso, na minha militância acompanhei várias causas de advogados defendendo assediadores, estupradores, homens que batem em mulheres e até assassinos que cometem feminicídio. Obviamente sei que todos, inclusive o pior dos assassinos, numa sociedade democrática, têm direito à defesa, mas nunca me conformei com os argumentos dessas defesas de advogados que parecem não ter mães, irmãs, esposas e filhas, nenhuma alteridade e tampouco ética profissional. São cruéis ao mentir descaradamente pra defender os assediadores, distorcem os depoimentos das mulheres, culpabilizam as vítimas, invertem ou omitem provas, apelam para um perdão que, muitas vezes, implica em ameaça às vítimas. E o pior: a cara de pau de tentar dizer que o feminicídio foi legítima defesa. Precisei ver muitos desses advogados pra voltar ao meu passado remoto. Meu pai queria que eu fosse advogada pra exercer o seu machismo preconceituoso contra a mulher ou para me defender? Não sei responder, mas quando voltei a amá-lo naquela tarde de sábado com Dina, acho que ele queria me proteger. Fico com meus amigos advogados que honram a profissão. ■■■

\* Nome fictício

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.